

O CONSUMO DO YOUTUBE COMO FORMA DE DEMOCRATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS NO ENEM: desafios contemporâneos a partir da pandemia de COVID-19

*Paulo Davi Costa Damazão
Adriana Hoffmann*

Resumo

Esse artigo busca apresentar uma pesquisa em andamento acerca de um aspecto relativo ao estudo dos jovens para prestar provas de ingresso ao ensino superior público (ENEM). Analisando a dinâmica de estudos de algumas gerações atrás, quando as fontes de informações eram acessíveis majoritariamente através dos livros ou professores, em comparação às gerações atuais que contam com uma imensa gama de informações, esse artigo busca analisar o uso da plataforma on-line de 'streaming' YouTube para estudos voltados a conteúdos exigidos por vestibulares dentro do país (Brasil). Uma vez que há o aumento gradativo do acesso às tecnologias de informação e comunicação, essa proposta de pesquisa tem como objetivo perceber a forma como os jovens acessam conteúdos pelo YouTube e o papel dessa plataforma para a democratização do ensino de conteúdos estudados no ensino básico. A proposta começou paralelamente a pandemia que se instalou no mundo e tornou o tema especialmente relevante tendo em vista o avanço do Coronavírus, o isolamento social e consequentemente o fechamento das escolas, que limitou o acesso de todos os estudantes à forma "tradicional" de estudo presencial. Nesse momento inicial foi feito um levantamento piloto por questionário com possíveis futuros participantes da pesquisa acerca de seus interesses e modo de consumo do youtube, para planejamento da investigação posterior com os sujeitos interessados. Trazemos nesse artigo uma breve apresentação desse percurso inicial com as questões que se apresentam até o momento para reflexão na pesquisa proposta.

Palavras-chave: democratização; youtube; vestibulandos; enem.

YOUTUBE'S CONSUMPTION AS A FORM OF DEMOCRATIZATION OF THE KNOWLEDGE FOR ENTRANCE EXAMS: contemporary challenges from the COVID-19 pandemic

Abstract

This article seeks to present an ongoing research about the study of young people to take entrance exams to public education (ENEM). Analyzing the dynamics of studies a few generations ago, when information sources were mostly accessible through books or teachers, compared to current generations who have a huge range of information from the most diverse places, This article seeks to analyze the use of the YouTube 'streaming' online platform for studies aimed at content required by entrance exams within the country (Brazil). Since there is a gradual increase in access to information and communication technologies, this research proposal aims to understand how young people access content on YouTube and the role of this platform for the democratization of the teaching of contents studied in basic education. The proposal started simultaneously with the pandemic that set in the world and made the topic especially relevant, in view of the advance of the Coronavirus, social isolation and consequently the closing of schools, which limited the access of all students to the "traditional" form of face-to-face study. At this initial moment, a pilot survey was carried out by questionnaire with possible future participants in the research about their interests. and youtube consumption mode, to plan further investigation with interested subjects. In this article we bring a brief presentation of this initial path with the questions that are presented so far for reflection in the proposed research.

Keywords: democratization; youtube; 'vestibulandos'; enem.

EL CONSUMO DE YOUTUBE COMO FORMA DE DEMOCRATIZAR LOS CONTENIDOS EN ENEM: desafíos contemporáneos de la pandemia COVID-19

Resumen

Este artículo busca presentar una investigación en curso sobre un aspecto relacionado con el estudio de los jóvenes para brindar exámenes de ingreso a la educación superior pública (ENEM). Analizando la dinámica de los estudios hace algunas generaciones, cuando las fuentes de información eran mayoritariamente accesibles a través de libros o profesores, en comparación con las generaciones actuales que tienen una enorme variedad de información, este artículo busca analizar el uso de la plataforma online para 'streaming' de YouTube para estudios orientados a los contenidos exigidos por las pruebas de acceso a las universidades del país (Brasil). Ante un aumento paulatino del acceso a las tecnologías de la información y la comunicación, esta propuesta de investigación tiene como objetivo comprender cómo acceden los jóvenes a los contenidos a través de YouTube y el papel de esta plataforma para la democratización de los contenidos docentes cursados en la educación primaria. La propuesta partió en paralelo con la pandemia que se produjo en el mundo y tornó el tema especialmente relevante ante el avance del Coronavirus, el aislamiento social y consecuentemente el cierre de escuelas, que limitó el acceso de todos los estudiantes a la forma "tradicional" de estudio presencial. En este momento inicial, se realizó una encuesta piloto a través de un cuestionario con posibles futuros participantes de la investigación sobre sus intereses y la forma en que consumen YouTube, con el fin de planificar una mayor investigación con los sujetos interesados. En este artículo, traemos una breve presentación de este camino inicial con las preguntas que se presentan hasta ahora para la reflexión en la investigación propuesta.

Palabras-clave: democratización; YouTube; exámenes de ingreso a la universidad; enem.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa iniciou-se em março de 2020 junto com a pandemia mundial do COVID-19. Diante desse cenário as questões de pesquisa serão trazidas considerando esse novo contexto que desarruma/amplia tudo que antes havia sido pensado a respeito do tema. O interesse pela pesquisa surgiu a partir da experiência de um dos autores, junto a seus colegas de turma, utilizando canais do YouTube como plataforma para os estudos de ingresso ao ensino superior no ano de 2017. Neste ano utilizava canais majoritariamente de cursos como: Descomplica, Qg do Enem e Estratégia vestibular, além de canais de professores.

O YouTube é uma plataforma de produção, compartilhamento e reprodução de vídeos, que já era a maior do segmento antes da pandemia, conforme aponta a revista Exame sobre os usos da referida plataforma em 2018 e 2019. Reportagens como da revista Tectudo (nov 2020) mostram a ampliação do uso dessa plataforma na pandemia. Dentre todos os serviços de vídeo utilizados nesse período pandêmico a revista destaca que “o YouTube se consolidou como a plataforma de vídeo que os consumidores não podem viver sem”. Um levantamento realizado pelo Google em abril de 2020 (pela plataforma de insight Think With Google) aponta que 40% dos brasileiros pesquisados afirmam ter passado mais de 3 horas no YouTube desde o início da pandemia. Essas fontes mostram a mudança de comportamento dos brasileiros e a importância de se pensar nesse consumo. Contudo esse aumento não foi resultado de uma política de estado como apontam os

dados retirados do CONSED e expostos no artigo dos pesquisadores da UNB Leonardo Cunha, Alcineia de Souza e Aurênio Pereira (2020). A tabela 1 demonstra o levantamento feito pelos referidos pesquisadores acerca das políticas dos estados para atuação nas escolas e os dispositivos de acesso para estudo oferecido aos alunos frente à pandemia.

Tabela 1: Dados do CONSED

ESTADO	SITE	APLICATIVO	TV	MATERIAL IMPRESSO	YOUTUBE
ACRE	X		X		
ALAGOAS				X	
AMAPÁ	X				
AMAZONAS	X	X	X		
BAHIA	X		X		
CEARÁ	X	X			
DISTRITO FEDERAL		X	X	X	X
ESPÍRITO SANTO		X	X		
GOIÁS	X	X	X		
MARANHÃO	X		X		
MATO GROSSO	X				
MATO GROSSO DO SUL	X		X	X	X
MINAS GERAIS		X	X		
PARÁ	X	X	X		
PARAÍBA		X	X	X	
PARANÁ		X	X	X	X

PERNAMBUCO	X		X	X	X
PIAUÍ			X		X
RIO DE JANEIRO		X	X		
RIO GRANDE DO NORTE	X	X			
RIO GRANDE DO SUL		X		X	
RONDÔNIA		X			X
RORAIMA		X	X		
SANTA CATARINA	X	X		X	
SÃO PAULO	X	X	X		
SERGIPE	X	X	X		
TOCANTINS	FÉRIAS ESCOLARES				

Figura 1 - Tabela elaborada pelo autor, a partir dos dados do CONSED, apresentado pelos pesquisadores da UNB.(CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio, 2020)

Percebe-se na tabela os usos ou não da plataforma Youtube pelos estados. Mesmo com a notória popularidade da plataforma/aplicativo entre a população, o relatório dos pesquisadores (Cunha, Silva e Silva, 2020) resumido a tabela mostra o não aproveitamento da mesma como política de estado (apenas 7 estados dos 27 estados brasileiros utilizam a plataforma Youtube nas escolas como demonstrado na tabela).

No contexto dessa pesquisa algumas perguntas surgem: se o acesso ao YouTube ampliou-se por usos não ligados ao ensino remoto como esses usos estiveram presentes no estudo pessoal dos candidatos ao ENEM? De que modo, na visão deles, esse uso impactou ou colaborou com o estudo da prova realizada via ENEM? São essas algumas das questões referentes à investigação.

Em uma sociedade cada vez mais focada na comunicação através das imagens é visível o sucesso da plataforma Youtube que se tornou fonte de entretenimento, pesquisa e armazenamento de vídeos e que segundo o setor de imprensa do próprio Google tem hoje mais de 2 Bilhões de usuários e uma média de 1 bilhão de horas de vídeos assistidos por dia. Isso demonstra o alcance do uso dela pela população. Aponta também a necessidade de maior entendimento desse uso. Essa pesquisa colabora com essa necessidade

relacionada à educação. Outras pesquisas com usuários, como uma realizada na Universidade de Málaga na Espanha pelo autor Gil, M. et al. (2020) também reforçam esse aumento de consumo no período da pandemia. A pesquisa analisa o consumo relativo ao tema do coronavírus no YouTube na Espanha e destaca que percebeu mudanças nos hábitos de consumo informativo advindos da insólita situação sócio-sanitária e a consequente quarentena vivida pelos espanhóis.

De modo geral, percebe-se que a plataforma em todo o mundo é organizada em canais, com uma infinidade de temas e dentre essa infinidade, encontramos os de vídeo aulas, voltados a difundir conhecimento escolar. Com o aumento de casos do novo Coronavírus no ano de 2020 e consequentemente o fechamento das instituições escolares para aulas presenciais, a principal fonte de acesso ao conhecimento escolar ficou restrita àqueles que podiam se conectar à internet. Não nos cabe discutir neste texto as contestáveis tentativas dos estados em manter a educação pública durante esse período, mas é importante ressaltar a insegurança gerada, em especial no caso dos estudantes que pretendiam realizar vestibulares no ano de 2020, diante da recusa de adiamento pelo governo do maior vestibular do país (ENEM).

Vale lembrar o posicionamento inicial do governo federal brasileiro, responsável pelo ENEM, sobre a questão no vídeo de propaganda com o tema " O Brasil não pode parar". Trazemos trecho do texto do vídeo por escrito e qr code a seguir:

E se uma geração de novos profissionais fosse perdida?
Médicos, enfermeiros, engenheiros, professores, seria o melhor para o
nosso país?
A vida não pode parar, é preciso ir à luta, se reinventar, superar.
Dias melhores virão.
E por isso eu quero fazer o Enem este ano, para entrar em uma
universidade.
Estude, de qualquer lugar, de diferentes formas, pelo livro, pela internet,
pela ajuda à distância dos professores.
Faça já sua inscrição no Enem, de 11 a 22 de maio, pelo site Inep.gov.br
Além da prova em papel, esse ano também terá o Enem digital, feito
pelo computador em locais indicados pelo Inep.
As provas serão no final do ano, até lá estude, seu futuro já está aí

Figura 1 – QR CODE



Ministério da educação. Enem 2020 | Inscrições. 4 de mai. de 2020 (1min)
Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=apufjGIIY0> Acesso em:
02 Abr. 2021

Esta visão do momento não leva em consideração as múltiplas realidades que o país vive, nesse período de pandemia e não dialoga com os dados trazidos pelo CONSED como já apresentamos. Afinal de contas, mesmo que alguns estados tenham utilizado recursos online, sabemos que nem todos tiveram acesso a este conteúdo, o que agrava a

desigualdade entre os estudantes. Isso demonstra o motivo da campanha do adiamento do ENEM feito pelos estudantes nesse mesmo período pela dificuldade de acesso aos estudos de modo satisfatório para prepararem-se para as provas de ingresso ao ensino superior público.

Figura 2- Imagens da campanha online realizada pela UNE nas redes sociais: #AdiaENEM



#AdiaEnem: estudantes pedem mudança de data da prova. Diaz, Lucas. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/adiaenem-estudantes-pedem-adiamento-da-prova>

CONSTRUINDO O CAMINHAR DA PESQUISA - DEMOCRATIZAÇÃO, CIDADANIA E DESIGUALDADES

Com o avanço da tecnologia e a conversão de processos físicos em digitais, ter acesso a dispositivos tecnológicos deixa de ser algo opcional e passa a ser um fator determinante para o exercício da cidadania. Não à toa o acesso à internet é tratado como direito humano pela ONU, desde o ano de 2011. Políticas públicas que atravessam o uso de dispositivos eletrônicos são cada vez mais comuns, como por exemplo a solicitação do auxílio emergencial e, com o contexto do distanciamento físico, a necessidade de novas estratégias para o acesso à educação.

Em resumo, temos um direito básico garantido pela constituição (a educação), subordinado a um direito humano reconhecido pela Organização das Nações Unidas (o de acesso à internet). Observando este fato com auxílio de pesquisas recentes sobre acesso à internet logo podemos notar um primeiro obstáculo. Por mais popular que possa parecer o acesso à internet ainda não é no Brasil uma questão universal, como mostra o último relatório Cetic Covid 2020 e Cetic Domicílios no ano de 2019:

Segundo o Painel Cetic Covid 19, 34% dos entrevistados apontam como motivo para não participarem das atividades remotas da sua escola/universidade não ter acesso à Internet ou ela ser de baixa qualidade e ainda 32% apontam a falta de equipamentos para acessar as aulas. 13 milhões de domicílios na classe D e E não possuem acesso à internet,

esse número expressivo é explicado por alguns fatores também questionados no relatório, o principal deles o valor do serviço de internet.

O Ensino Remoto Emergencial, implantado às pressas devido a pandemia e sem a consideração das múltiplas realidades brasileiras ou das reais condições de efetivação, revelou o quanto os projetos e/ou as políticas educacionais precisam ser melhor planejadas e implementadas baseadas nos indicadores sociais, seja de nível nacional ou dos micro contextos escolares, de modo a evitar o aprofundamento das desigualdades já existentes no país. Nessa pesquisa não trataremos do ensino remoto como foco principal, mas do uso da plataforma Youtube. No entanto, o não acesso ao ensino remoto por falta de equipamentos ou a falta de acesso a internet - num contexto de pandemia com isolamento social - afetou diretamente os jovens que desejam prestar a seleção de Ingresso ao ensino superior via ENEM.

O contexto atual traz diversos desafios para quem faz pesquisa e especialmente para um dos autores desse artigo que tem a sua primeira experiência em pesquisa. Foram lidos vários autores nesse início de pesquisa e um deles entendemos que pode ser mais útil nesse momento pela sua proposta de metodologia: Fernando Hernandez. Nas reuniões de pesquisa debatemos o conceito de metodologia ativa/viva do referido autor. A primeira vista pode parecer um tanto quanto confuso começar uma investigação sem ter a total compreensão de que caminhos tomar. Passado um ano e meio de estudos e paralelamente a um ano e meio de pandemia, percebemos que a pesquisa, ainda que tenha autores, tem um caráter animado (vivo) e toma caminhos nem sempre definidos por nós, mas pelos acontecimentos do entorno dela.

Em 2020 quando propusemos esta investigação o que chamamos hoje de pandemia, não passava de um surto da Covid 19 que parecia ser breve, e por isso almejava realizar encontros presenciais de conversa com os sujeitos. Tendo em vista o “novo normal”, a pesquisa ganhou novos contornos, e em orientação de pesquisa surgiu a ideia da realização de um levantamento inicial em um formulário online com jovens que fizeram ou farão o ENEM (anos de 2020 a 2022) para uma sondagem inicial desse campo de estudos. Este formulário foi enviado para vários contatos, com uma mensagem que pedia para que enviassem aos seus conhecidos que se encaixassem no perfil de sujeitos da pesquisa.

O formulário foi pensado como uma forma de identificar como os estudantes estavam encarando sua relação com a plataforma Youtube, antes e durante a pandemia, tendo o cuidado de não ser um questionário cumprido e maçante. Ele contou com 11 perguntas, sendo dessas 10 obrigatórias e 1 facultativa (essa pergunta tratava de um convite para uma posterior conversa de pesquisa online). Dentre os 30 consultados (12 da rede privada de ensino e 18 da rede pública), 9 responderam positivamente ao convite da pergunta 11 (interesse em participar da pesquisa) e após a análise dos dados inicialmente levantados pretendo iniciar as conversas online com esses sujeitos dando entrada em todos os protocolos/autorizações da pesquisa.

Em um momento social onde o distanciamento físico é uma conduta global, novas formas de presença e comunicação online ganham força, como comenta Dilton R, (2017, p.23); “humanos têm a necessidade “de permanecerem juntos, conectados, criando, cocriando saberes na medida em que estabelecem novas formas de sociabilidade” (apud WORCMAN, 2014, p. 16)

Não que estas formas de presença sejam novidades, cursos online e preparatórios já utilizavam essas ferramentas antes da pandemia.

Compreendo a conversa online como a interação mediada pela rede mundial de computadores (www), tendo como objetivo conversar mais livremente sobre o tema, sem estar preso a um roteiro fechado como ocorre nas entrevistas. Pretendemos realizar um encontro individual com cada um dos jovens que se propuseram a participar da pesquisa e um encontro coletivo com esses mesmos jovens. Inicialmente penso na utilização do software Meets, desta forma limitando as conversas a seu alcance máximo de 1h tendo em vista que estes critérios podem mudar de acordo com a necessidade de meus sujeitos. Iniciaremos as conversas individuais, utilizando as especificidades que encontramos nos formulários previamente preenchidos pelos jovens e que apresento a seguir.

O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO NA PANDEMIA/PREPARAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR PELO ENEM?

No levantamento realizado tivemos a participação de 30 jovens. Trazemos aqui resumidamente alguns dos retornos desses jovens consultados e as observações mais relevantes para debate. O objetivo desse levantamento era perceber se os jovens usavam o youtube como plataforma para estudos de ingresso ao ensino superior e se esse uso havia sido ampliado durante a pandemia.

O questionário foi respondido, como dito anteriormente, por 18 estudantes da rede pública e 12 da rede privada. Percebe-se que os estudantes da rede pública consultados atribuem maior importância à plataforma em seus estudos, em relação aos estudantes da rede privada. Foram em sua maioria os estudantes da rede pública que informaram o aumento no uso da plataforma para estudos nos anos de 2020 a 2021, período da pandemia. Foi uma porcentagem de aumento no uso de 83% dos que frequentam a rede pública em relação aos 33% dos que frequentam a rede privada. Será que essa diferença entre o consumo dos dois públicos (da rede pública e privada) se refere a usos anteriores à pandemia desta plataforma? Pode ser que na escola privada esse uso já ocorresse antes da pandemia, o que pode não ter ocorrido na escola pública. Foi perceptível que os estudantes da rede pública que passaram a utilizar mais a plataforma o fizeram por conta própria e não por orientação institucional das escolas que frequentavam. Talvez esse seja o motivo de atribuírem maior importância à plataforma em seus estudos em relação aos estudantes da rede privada.

Inesperadamente identificamos - desse grupo de 30 estudantes consultados - um grupo de 9 participantes que não frequentaram nenhum tipo de aula remota na pandemia. No entanto, utilizaram o youtube para estudo. Neste grupo apenas 2 optaram por dar continuidade a pesquisa e pretendemos conversar com eles sobre o porquê de não estarem em aulas remotas. Talvez essa pouca adesão à participação na pesquisa por esse grupo se deva à dificuldade de acesso a internet ou dispositivos de acesso à mesma.

Outro grupo encontrado durante o cruzamento de dados foi o dos estudantes que utilizam a plataforma no seu cotidiano, contudo não a utilizam para fins de estudo. Como nenhum dos presentes nesse grupo decidiu por continuar a conversa, não será possível

esclarecer os motivos. Esse pequeno grupo parece apontar que a democratização da informação não tem apenas relação com o acesso aos dispositivos ou a internet. Para além da exclusão gerada pela ausência de dispositivos ou baixa qualidade da internet outros fatores podem ser observados, como a falta de interesse do uso dos dispositivos com o fim de estudos como apontam os autores a seguir:

a falta de interesse ou falta de estímulo na adoção das TIC's não são 'neutras' ou um simples caso de preferência individual, mas reproduzem outros fatores socioeconômicos e culturais presentes no sistema social. Essas desigualdades são também reproduzidas on-line e afetam as oportunidades dos cidadãos, podendo aumentar ou diminuir as possibilidades que eles têm de ascender em hierarquias sociais. (RAGNEDDA e RUIU, 2016)

Os dados do formulário também mostram que quanto mais velhos os estudantes, maior importância é atribuída à plataforma youtube, o que talvez mostre mais uma mudança de comportamento entre os mais jovens. O uso do aparelho celular para acesso à plataforma, dentre os consultados, foi absoluto. Esse resultado dos jovens aponta para resultado semelhante trazido pelos estudos do CETIC. Br.

Entre 2017 e 2019, houve um acréscimo de 11 milhões de domicílios com acesso à Internet, mas sem computador, revelando a importância do telefone celular como principal dispositivo de acesso à Internet. (CETIC, p. 19).

É relevante destacar a existência de fronteiras dentro do grupo dos que têm acesso a dispositivos, (especialmente ao celular) como constatado durante a pandemia de forma geral, pois vemos que alguns conteúdos não são apropriados para uso no celular. Segundo o Cetic (2019, p. 23):

O uso da Internet exclusivamente por celular, por exemplo, está associado a um menor aproveitamento de oportunidades on-line, incluindo atividades culturais, pesquisas escolares, cursos a distância, trabalho remoto e utilização de governo eletrônico.

Essas fronteiras são bem compatíveis com o conceito geográfico de segregação socioespacial, descrito por MARISCO (2020, p. 46): entendida como “(..)a separação no espaço da população por classes de renda, raça, etnia, ocupação socioprofissional, entre outras variáveis, configurando espaços homogêneos no interior do tecido urbano.”

Uma vez que compreendemos a rede mundial de computadores como um espaço público e cientes de que fatores como a qualidade de acesso à rede e o tipo de dispositivo utilizado podem limitar o acesso dos jovens à informação e à cultura, como tratado pelo Cetic, podemos concluir que parece existir uma segregação socioespacial dos ambientes online. Isso se torna especialmente grave se pensarmos que os fatores limitantes do acesso a esses espaços online estão intimamente ligados a condições financeiras. Essa situação aponta que a desigualdade de conexão aos ambientes online gera uma cidadania desigual que não possibilita ter acesso a estudo e trabalho por esses ambientes como apontam os retornos do grupo de jovens pesquisados.

Quando falamos de exclusão digital, de acordo com pesquisadores, parece existir um consenso na ideia de que ela pode ser vista de 3 formas: a primeira seria a exclusão de acesso, quando se trata da disponibilidade de infraestrutura para acesso a rede, o que está diretamente ligado a fatores socioeconômicos. A segunda seria a exclusão de uso que diz respeito à capacidade técnica necessária para manejar os dispositivos tecnológicos. A terceira forma de exclusão é um tanto quanto sutil, ela remete a um grupo que citamos há pouco tempo: estudantes que utilizam a plataforma no seu cotidiano, contudo não a utilizam para fins de estudo. Esses têm acesso a infraestrutura, tem habilidades necessárias para manejo dos dispositivos, contudo não tem conhecimento de como utilizar a plataforma de forma a extrair o máximo de benefícios possíveis. De acordo com Mariana Sampaio (2020) “59% dos brasileiros e das brasileiras dizem não usar a internet para estudar e trabalhar. Apenas 31% das pessoas que usam computador dizem ter manipulado uma planilha de cálculo” O que mostra a complexidade do desafio de democratizar esses ambientes para esse público.

CONSIDERAÇÕES

Nesse texto trouxemos um breve panorama inicial dos estudos em processo apontando os desafios vividos pelos jovens vestibulandos no acesso ao ensino superior público através do ENEM. Os estudos feitos até o momento apontam para uma situação de pouco acesso desses jovens da escola pública aos dispositivos e rede de internet para poderem ter aulas do ensino remoto na pandemia, o que causou desistência de vários dos que seriam candidatos ao ENEM nos anos de 2020 e 2021. O levantamento inicial feito com jovens trazido neste texto reforça esse movimento de não acesso ao estudo pelos mesmos, muitas vezes nem mesmo pela plataforma do Youtube como estamos pesquisando. Observamos também a falta de políticas públicas voltadas à democratização desses espaços digitais, principalmente durante a pandemia do covid 19.

O resultado das dificuldades que relatamos neste trabalho já são visíveis. De acordo com os dados do INEP, o Enem do ano de 2021 conta com 4 milhões de inscritos, 1,7 milhões a menos que o ano anterior, o número mais baixo de adesão desde o ano de 2008, quando o exame ainda não era usado como forma de ingresso ao ensino superior. Com a principal forma de acesso ao ensino superior público tão dificultada, a iniciativa privada rapidamente adapta sua estratégia de captação. Como exemplo disso trago o site da rede Anima <https://www.desistidoenem.com.br/> em que trazem como slogan de propaganda “desisti do ENEM mas meu futuro continua”.

Qual será o impacto desses eventos na educação da chamada “geração Covid”? As cotas no ingresso ao ensino superior serão capazes de mitigar as desigualdades provenientes desse período? Parece que já vemos um pouco desses impactos surgindo...

REFERÊNCIAS

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em:

<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 03 fev. 2021.

GIL, M.; Gómez de Traveso, R. & Almansa, A. (2020). YouTube y coronavirus: análisis del consumo de vídeos sobre la pandemia COVID-19. *Revista Latina de Comunicación Social*, 78, 121-153.

GIL, M.; Gómez de Traveso, R. & Almansa, A. (2020). YouTube y coronavirus: análisis del consumo de vídeos sobre la pandemia COVID-19. *Revista Latina de Comunicación Social*, 78, 121-153. <https://www.doi.org/10.4185/RLCS-2020-1471>

GNISCI, Vanessa; HOFFMANN FERNANDES, Adriana. Canais Literários: redes de leitura entre booktubers e seus seguidores. In: Cristiane Porto e Edméa Santos. (Org.). *Livro na Cibercultura*. 1ed.São Caetano - São Paulo: Editora Loyola, 2019, v. 1, p. 147-162.

HERNANDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. IN: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Processos e Práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

HOFFMANN FERNANDES, Adriana. A visualidade da cultura contemporânea e a educação: estudos sobre os modos de viver/produzir a imagem. Projeto de pesquisa Jovem Cientista do nosso Estado, UNIRIO/FAPERJ, 2017.

HOFFMANN FERNANDES, Adriana. Revoluções culturais e as mídias: reflexões sobre as relações de crianças e jovens com o conhecimento. *Ciências e Cognição (UFRJ)*, v. 15, p. 55-63, 2010. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/302> Acesso em março de 2020.

LEMO, André. Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj realizado de 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf> Acesso em março de 2020.

MARISCO, L. M. O. Revisitando Autores Sobre os Conceitos de Segregação Socioespacial e Exclusão Social na Análise da Produção Desigual do Espaço Urbano.

MORAES, Denis. *Sociedade Mídia*. Rio de Janeiro: editora Mauad, 2006.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. São Paulo: Papirus, 2009.

PECHANSKY, Rafaela Chiapin. O YouTube como plataforma educacional: reflexões acerca do canal Me Salva. Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0123-1.pdf> Acesso em março de 2020.

Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus, 2021 Disponível em: <https://www.cgi.br/publicacao/painel-tic-covid-19-pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-no-brasil-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus-3-edicao/>.

PETIT, Paulo. O que estudam os estudos de cultura visual? Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 196-215 - mai./ago.2014.

RAGNEDDA ,Massimo e RUIU, Maria Laura. Digital exclusion: how it feels to be on the wrong side of the digital divide. Rumores, 10 (20). p. 90. ISSN 1982-677X

Revista Contexto Geográfico Maceió- AL v.5. n.9 julho/2020 p.45–56.

Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias V. 10, N. 20 (2016) Julho-Dezembro de 2016.

SAMPAIO ,Mariana. Desigualdade digital, Portal CSSA UFRN, outubro/2020, Disponível em: <https://ccsa.ufrn.br/portal/?p=12407>, acesso em: Agosto de 2021.

*Submetido em setembro de 2021.
Aprovado em dezembro de 2021.*

Informações do(a)s autor(a)(es):

Paulo Davi Costa Damazio

Bolsista da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

E-mail: paulodamazio@edu.unirio.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3664-7749>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5448095476423201>

Adriana Hoffmann (orientadora)

Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

E-mail: profadrihoff@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5009-4373>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9405356181134336>